

Desindexação não chegou às empresas

■ Compras de grandes grupos paulistas ainda levam em conta inflação passada

CLAUDIA DE SOUZA E LUCINDA PINTO

SÃO PAULO — A desindexação da economia pretendida pelo governo ainda é pura teoria. As empresas, na prática, ainda estão longe de trabalhar com contratos sem correção monetária - sejam eles trabalhistas ou de compra de bens e serviços dos fornecedores.

"O governo montou essa história de desindexação para garantir suas receitas de impostos", reclama o diretor administrativo da Indústrias de Papel Independência, Sergio Luiz Bergamini.

A empresa, depois da euforia da explosão de vendas de embalagens, viu seu faturamento de junho cair 50% em relação ao de maio e já deixou de lado o plano de ampliar sua produção.

Não é de se estranhar, portanto, que ele desconfie grandemente do futuro e mantenha os contratos com seus fornecedores corrigidos pelo Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M).

Para José Paulo Ferraz do Amaral, presidente das Lojas Americanas, a maior cadeia de lojas de departamentos do país, a desindexação é algo remoto. As compras da empresa - já reduzidas para o patamar mais baixo de consumo instaurado nas últimas semanas - continuarão seguindo o costume de nunca comprar com preço fixo, mantendo as negociações no curtíssimo prazo.

Com relação aos contratos trabalhistas, as empresas também prometem seguir o velho hábito da correção.

A rede de varejo paulista Loja